

WIR - Wissen Ist Relevant  
NÓS - Conhecimento é Relevante

Parte 1  
Biologia como não é  
Uma Refutação da Genética, Virologia & Teoria Celular  
Dr. Stefan Lanka  
21 de Janeiro de 2022

(tradução das legendas em inglês do [video](#))

0:00:00 – Muito obrigado por me deixarem falar convosco. Muito obrigado a todos os que tornaram isto possível. Após esta apresentação tornar-se-á claro quão importante é o nosso lema 'WIR' 'O Conhecimento é Relevante'. Não só para lidar construtivamente com a crise da coroa, mas muito mais será revelado.

0:00:40 – Agora na primeira parte lidamos com a parte difícil, nomeadamente "a biologia como não é", e isso pode ser doloroso – refutar a genética – mas esta lição de biologia é um pré-requisito para compreender porque acreditamos nos vírus. De onde vem isso, quais são os conceitos por detrás disso. Se formos constrangidos, somos forçados a pensar em opostos, no bem/mal, que algo está aqui para nos prejudicar ou para ser usado para o mal. Verá que é um produto da nossa história e mostrarei isto passo a passo. Eu próprio sou biólogo, fui biólogo marinho durante muito tempo. Deparei-me com uma estrutura que interpretei como um vírus inofensivo. Agora sabemos que estes são mini-esporos. Eles têm uma função específica. Na altura, eu era um virologista, mas ainda acreditava em vírus malignos, por isso avancei passo a passo e fui cada vez mais fundo até donde veio a ideia. Concluí que eles estavam errados. Venha comigo nesta viagem. Também revelei o meu Desafio, mas depois dessa palestra descobrimos que a maioria da população acredita nestes conceitos da mesma forma que acreditamos no terrorismo ["terror biologie"], na medida em que as nossas próprias moléculas podem transformar-se em terroristas dentro do corpo, que apenas destroem e que podem mesmo vaguear por aí. Quem acredita nisto também acredita em metástases voadoras e fica zangado com aqueles que não usam máscara. Comecemos, portanto, a apresentação.

Vemos agora aqui um modelo de um vírus corona. Poderíamos olhar para outros modelos de vírus, uma vez que todos estes são obras de arte e, de imediato, temos a primeira dura lição, porque nada disto corresponde à realidade. Nada disto. As proteínas, os picos, os pedaços de ácido nucleico, este é um modelo que não existe na realidade, e digo-vos, se aprenderem a nova biologia, a que chegamos na segunda parte, então compreenderão. Quando se conhece a biologia real, isto não pode de modo algum existir. Aqui está o chamado ácido nucleico, a vertente genética de um vírus. Testamos aqui essa hipótese e a coisa mais simples sobre o corona é que nunca foi provada a sua existência. A partir de pedaços muito pequenos, eles calcularam – matematicamente – toda uma vertente de material genético que não existe na realidade e, se entendermos de onde vêm estes conceitos, porque é que nós, como cultura, acreditamos neles, então todos nós teremos influência, nomeadamente para usar o corona como uma oportunidade para abordar desenvolvimentos infelizes na política e a nossa dita democracia representativa no nosso sistema de meios de comunicação, etc. Temos uma oportunidade de mudar as coisas desde a fundação com o corona. Só podemos mudar se

houver um dogma global e meios de comunicação global – sem estes dois pré-requisitos, a mudança não é possível. Um país opta por não participar, os outros irão combatê-lo, mas quando algo abala o mundo inteiro e é claro que não é verdade, então temos uma oportunidade. Podemos aprender com os nossos erros, porque se não aprendermos, somos forçados a repetir para sempre.

0:05:15 – Portanto, temos uma grande tarefa pela frente e algumas horas para compreender de onde vieram estas ideias. Recuamos na História cerca de 2000 anos quando esta pessoa, Demócrito, aprendeu com o seu pai e se expandiu. Com motivação para formar a base dos nossos professores de hoje, para a nossa compreensão da vida mas também da doença, Demócrito disse 'precisamos de uma explicação da vida, uma explicação da doença, mas não queremos nenhuma consciência, por favor, não queremos o espírito nela, não queremos deuses'. Porquê? Porque a religião causa sempre medo e é por isso que precisamos de uma explicação materialista da vida. Ele postulou que há átomos que são imortais. Quando se juntam, formam moléculas. Estas moléculas voltam a fundir-se e isto resulta em vida. Esta ideia puramente materialista de vida soava bem, era motivação para parar, mas eles nunca imaginaram que uma nova religião surgisse dela, nomeadamente uma religião bem/mal que força a pensar materialisticamente. Porque se quisermos explicar algo que realmente existe, uma doença que aparece simultaneamente ou uma após a outra, somos forçados a acreditar em defeitos físicos como realidade. Não temos outra escolha. Se é proibido falar de consciência, não podemos imaginar que uma palavra possa matar, e pode, ou que uma palavra possa curar. Se o pensamento é proibido, então é naturalmente impensável que uma palavra possa tornar-se corpórea, como a chamada psicossomática. Isso vou abordar na segunda parte, mas por agora tivemos uma filosofia apoiada pelo estado durante 2,5 mil anos em que é proibido pensar, explorar, se a consciência dá forma ou não e pode afectar a sua saúde. As línguas de todas as nações estão cheias de expressões idiomáticas que mostram que pode. Que um susto pode correr pelos meus ossos e subir pelos meus ossos até aos meus rins ou ao meu fígado e assim por diante, mostra o que se passa aqui. Foi Platão que citou o seu professor Sócrates dizendo que os médicos gregos já não conseguem lidar com doenças. Eles estavam apenas a usar medicamentos para suprimir os sintomas, a fim de fazer com que os escravos voltassem ao trabalho mais rapidamente. Mas as pessoas livres teriam as suas almas tratadas com uma biologia corpo-alma, o que é muito emocionante e de que falaremos na 2ª parte.

0:08:57 – De Sócrates e Platão avançamos muito na História até Eugene Rosenstock, que considero o mais forte pensador alemão, pelo menos do nosso tempo, porque ele previu tudo isto em pormenor. Ele disse que se a nossa pesquisa for puramente materialista acabamos por ficar como o direito penal grego, em que temos precedentes e tudo o que observamos julgamos como um precedente. E então é impossível imaginar algo novo ou provocar mudanças com esta abordagem. Ele publicou Sociologia (1) pela primeira vez em 1929, depois em forma de livro em 1956. Recomendo uma reimpressão, como ele a queria, em 2007 pela editora Thalheimer. Ele escreve aqui sobre um mecanismo muito importante – porque é que é assim hoje, nomeadamente "o ponto de crescimento na era científica reside numa nova tensão entre a pesquisa e o conhecimento. Esta luta ainda é amplamente subestimada". O que ele quer dizer com isto é que de um lado temos cientistas e do outro lado temos pesquisadores. Os estudiosos são competentes e, portanto, incapazes de permitir a subversão do seu trabalho. São burocratas da ciência e irão unir-se contra os amadores. Mas a pesquisa pertence oficialmente à ciência, tal como o espírito santo pertence à igreja, portanto temos a pseudo-ciência en-masse a competir com a pesquisa livre, mas só a primeira é apoiada pelos

organismos e fundações oficiais porque só essa é digna de apoio na sua opinião profissional. Tal pesquisa fictícia actua com base no princípio ‘vale tudo’. E agora vem uma frase que tem sido o elefante na sala desde 1929, "eles pesquisaram o cancro de acordo com as ideias ultrapassadas de Pasteur, como se fosse raiva". Portanto, uma dupla crítica! – o cancro não é correcto e ainda por cima baseia-se na teoria da infecção de Pasteur, que também não é correcta. É preciso imaginar o sofrimento das pessoas numa área, numa família. Se estou numa família ou num bairro em que todos estão a sofrer e a morrer com o mesmo diagnóstico, isso é prova de que o mal deve existir ali. Eles usaram a religião de acordo com as ideias de Welhausens, mas como a sua pesquisa depende da velha autoridade, foi bem financiada. Enquanto os estudiosos e pesquisadores permaneceram pobres, a verdadeira pesquisa teve perspectivas até 1903, quando a perspectiva da pesquisa se deteriorou, porque as pessoas agradecidas financiam a "ciência" ("corona"), de modo que o poder mude da pesquisa para a "ciência" ("pseudo-ciência"). As nossas fábricas de médicos Rockefeller e suas bolsas são um testemunho eloquente. Inacreditavelmente verdadeiro.

0:12:37 – O próximo pensador importante neste campo é Ivan Illich. Ele é um filósofo que previu o corona em 1976. No seu livro *The Nemesis of Medicine* ele afirma que se a medicina não estiver separada da economia, deve proporcionar lucros crescentes, ano após ano. Mas onde se situa a biologia nisso? O que é que acontece? Eles exageram pouco a pouco, despercebidos como o sapo na água que lentamente começa a ferver, e ele disse que chega um ponto em que tudo isto destrói a sociedade como um todo. No livro ele descreve o exagero começando pela vacinação, mas também o mostra em casos de febre onde aos 43 graus se dá tratamento, depois aos 40º, depois aos 39º, 38º e hoje as mães são tratadas se trouxerem os seus filhos ao pediatra aos 37,8º, porque a mãe está a hiperventilar com medo. Isto ele descreveu em 1976. Também foi ignorado.

0:13:50 – Este homem, Rudolf Virchow, foi quem inventou um conceito de portador (gene) defeituoso para explicar as doenças. Ele é uma das figuras mais dramáticas da nossa História. Foi um epidemiologista durante a revolução francesa de 1848, que, embora não tenha tido o resultado desejado, trouxe um pouco de progresso. Não logo após 48, primeiro piorou e houve um retrocesso, em 48 ele inventou títulos, ou seja, deu nomes às coisas. Ele era tão oficial. Fez questionários para as pessoas que adoeciam e descobriu que se tinham insectos maus adoeciam, se respiravam vapores de fezes adoeciam, se não tinham chaminé, sim, adoeciam, se tinham combustível húmido, etc. Dêem esgotos às pessoas, dêem-lhes melhores condições sociais e elas melhoraram e manterem-se saudáveis. Ele foi encarregado de fazer isto por elas. Ainda hoje ele é elogiado. A sua motivação não era clara e não é bem conhecido o que ele fez dez anos mais tarde. Ele queria tornar-se padre. O seu pai proibiu-o porque ele próprio tinha um hobby caro e dívidas por isso desencorajou-o dizendo ‘tens mesmo de te tornar famoso e rico, o que não consegues como pastor’. Então ele, estudou medicina com os militares, porque um tio do lado do seu pai era um major do exército prussiano. Mas a medicina patrocinada pelo Estado era apenas 20% da medicina na altura e era odiada pela população em geral. Eles tinham uma má reputação. Eram responsáveis pela colheita de órgãos. Então ele fica com má reputação. Nem os pobres nem os ricos o procuram. Torna-se então o líder do movimento de reforma. Destes médicos militares, 80% eram completamente livres de fazer o que quisessem, onde exercessem a sua prática, nacional ou internacionalmente. Nada era regulamentado. Consegue imaginar? Por isso ele tinha de arranjar maneira de alcançar o mais alto cargo do Estado. Disse então que o Estado tinha de se fundir com a medicina. Daí que a medicina e a ciência tinham de ser nacionalizadas para que as catástrofes humanitárias, tais como "epidemias" de tifo, cólera, etc., fossem evitadas no futuro. A revolução foi fogo de palha.

Felizmente, ninguém morreu, mas todos os que estavam nas barricadas foram proibidos de praticar, mas não ele. Ele foi protegido e retirado dos olhos do público para se tornar professor catedrático na Universidade de Wurzburg e aí apresenta uma teoria completamente nova, refutando a velha teoria dos humores, na qual postulava que as doenças eram causadas por toxinas de doenças. Porque se podia observar que se adoecesse se tomam toxinas de doenças, por exemplo, um adolescente que beba uma garrafa de vodka – 10 anos atrás eles estariam mortos a menos que o seu estômago fosse bombeado. Todos sabemos, talvez nem todos, mas Yeltsin precisava de dois litros de vodka para conseguir falar no parlamento e três para entrar num tanque. Porque ele tinha anti-toxinas, como na teoria dos humores, onde se melhora se se tiver o antídoto. É assim que esta coisa do portador defeituoso ainda persiste na medicina – do vírus e do anticorpo que é suposto neutralizá-lo. Esta é a teoria em que a maioria da população ainda acredita. Então ele lutou contra estes professores "humoristas". Tinha muitos argumentos publicados contra isso, que até hoje eram correctos. Mas... reavivou a teoria dos humores em 1858, lutando contra médicos famosos como Billroth, o cirurgião cuja técnica cirúrgica ainda hoje é utilizada para os rins, passando a ocupar o cargo de gerente na Charité, cargo agora ocupado por Christian Drosten a manipular a política mundial. Ali tornou-se director, passando por cima de pessoas muito mais qualificadas, porque estava protegido. E o que é que ele reivindicou em 1858? Ele disse que a vida consiste em células individuais, isso era claro, a vida surge através da divisão celular de uma única célula e todas as doenças podem ser rastreadas até uma única célula produzindo o 'vírus venenoso da doença' e distribuindo-o e depois este difundir-se-ia e a doença espalhar-se-ia no corpo. Ele inventou esta teoria, e este é o ponto crucial, através de uma rede anticlerical, nomeadamente os maçons, o seu tio materno, que o protegia, não era apenas um amigo do rei prussiano, mas também o chefe dos maçons. E eles tinham uma Bíblia, um livreto sobre Demócrito, que estava num formato simples da autoria de um poeta romano, Lucrécio do ano 200 que sobreviveu ao iconoclasmo do cristianismo, livreto que seria roubado em 1408 de uma biblioteca alemã e depois copiado, copiado, copiado. Neste livreto a teoria do átomo de Demócrito é transportada para o futuro e usurpada por esta pessoa para fazer parecer que Virchow inventou alguma nova ideia – a menor unidade visível da vida, a célula – embora fosse evidente que se tratava de tecido, tecidos em redes tecidas. Assim, ele funde a teoria da célula nisso – mais tarde Einstein também postulou a teoria do átomo e blá blá blá deparou-se com a mesma coisa – que o veneno da doença se difundiria. E tem sucesso político porque afirmou que há indivíduos numa sociedade que são como parasitas. Recomendou que os erradicássemos desde a raiz como esta patologia celular – dando origem à desculpa para a eutanásia/eugenio. Outrora um humanitário, injecta esta patologia celular como uma reivindicação cientificamente fundada na arena política e vira tudo de pernas para o ar, afirmando que tudo vem da célula individual, para que a teoria da doença sendo causada por veneno de doença passasse então a ser oficial. Fez a prova que eles tinham de que a doença não se espalhava. Então, quando a lupa apareceu 650 anos mais tarde e depois os microscópios, tornou-se claro que cada órgão consiste em 4 – na altura foram encontrados 3 tecidos, sabemos agora que existem 4 – portanto 3 tecidos diferentes, que quando o órgão adoecesse apenas 1 destes 3 tecidos morreu. Mas esta nova descoberta não foi transmitida a todos e, por isso, não foi generalizada. E este foi apenas um exemplo de como a teoria dos humores foi refutada, a antiga teoria dos humores – veneno e antídoto – com a qual, entre outros, Wolfgang Amadeus Mozart foi transportado para o além, agora tocando harpa. Não sei, em qualquer caso é evidente que ele estava numa crise de cura em que tinha cólicas. Quando sofremos um trauma motor chama-se a isso epilepsia e depois ele tinha febre e tudo o mais e na altura eles acreditavam que ele tinha muitas doenças por isso depois drenaram muito sangue. Sangria, drenaram demasiado sangue, por isso é que ele

está morto como uma pedra. Essa é a teoria do veneno da doença e da sangria e foi isso que ficou como que gravado em pedra.

0:23:30 – Assim, o palco está preparado para compreender que todo o conceito provavelmente não está correcto. Se a patologia celular não está correcta, a nossa imagem das células não está correcta e depois os vírus estão implicados, com os quais me deparei, como disse, sendo biólogo a tornar-me biólogo marinho, vi todo este veneno a ir parar ao mar, atingindo o seu destino, e depois descobri uma estrutura de biologia marinha que acreditei ser um vírus inofensivo. Porquê inofensivo? Porque estes estão em todo o mundo, ou talvez numa costa que produz ESTA estrutura, que se parece com um vírus. Os vírus que se vêm aqui estão ampliados tal como os imaginávamos, reproduzindo-se, reproduzindo-se e reparei que algo não estava a correr bem, não estavam a sobreviver e eu consegui isolar estruturas destas e ver sempre a mesma composição bioquímica. Portanto eu tinha algo e vi a mesma proteína. Repeti o isolamento centenas de vezes e a cada vez obtive o mesmo ácido nucleico, a mesma bioquímica. Como tinha isolado algo, podia mostrar provas suficientes de que a sua composição é sempre idêntica. A seguir vemos estas partículas que supostamente são o vírus do sarampo. Elas são-nos mostradas e dizem-nos que são vírus. Aqui vemos um par de pequenas partes com aspecto circular, esférico, mas depois aqui grandes pedaços e estas estruturas apresentadas a nós como vírus nunca foram vistas em humanos, nunca em animais, nunca em líquidos, em membranas mucosas, em saliva, em sangue, em urina, nunca. Tudo aquilo que nos é apresentado como vírus é falso. São produtos de decomposição muito típicos dos tubos de ensaio com os quais trabalhamos, nos quais tentamos, ou acreditamos que podemos, estudar a vida, o que remonta a Virchow. Ele era um patologista que acreditava que, olhando para matéria decadente de tecido em decomposição, podia aprender sobre a vida e é exactamente isso que estamos a fazer. Tiramos tecido de organismos, como tecido renal de macaco que dura mais tempo no tubo de ensaio, é o que eles gostam de dizer, mas só dura um pouco mais porque os rodeamos de soro fetal. O soro é sangue sem quaisquer componentes sólidos. Se o retirássemos de adultos ou de mamíferos adultos, os tecidos morreriam imediatamente. Agora com soro fetal o tecido permanece vivo durante algum tempo e não se desintegra tão rapidamente. E estes sinais de decomposição nestas imagens são um fenómeno específico do tubo de ensaio que nunca foi visto em vida. Tão rapidamente passamos de crentes no vírus para o fim da virologia e o WIR. Aqui estas partículas são-nos mostradas como vírus, mas o que são realmente? Eles tiraram tecido, isolam este tecido de tudo à volta, o núcleo que ainda pode sobreviver, e pedaços do tecido desenvolvem pequenos dedos muito rapidamente como uma ameba que quer reconstruir o tecido novamente. É por isso que quem trabalha com estas culturas de células em tubos de ensaio tem de estar continuamente a separá-las. Estes pedaços de tecido são mal interpretados como células e estes pequenos dedos com os quais o tecido se arrasta para tentar reconstruir-se, estes são chamados vilosidades, dos quais uma secção transversal no microscópio electrónico abaixo é-nos apresentada como vírus. É tão simples quanto isso, é hocus-pocus zimzalabim. Vemos que os virologistas (mais tarde também saberemos porquê) são completamente anti-científicos porque nunca, em nenhum nível do seu trabalho, documentam experiências de controlo. Por exemplo, poderiam ter cortado pedaços da borda ou no meio. No meio o diâmetro parece grande, na borda é mais pequeno como este e este e se eu estivesse fora dos pedaços de tecido então nada apareceria e essas são as fotografias que nos estão constantemente a apresentar. Nem sequer se encontram áreas onde se tem apenas algumas partículas, se olharmos, o resto do tecido ainda está lá, temos um erro anti-científico. Esta pseudo-ciência foi a base das suas ações. Só posso chamar algo de científico se não tiver sido refutado (falsificação) e não fizeram isso em nenhum nível da sua pesquisa, no entanto pintam-nos

estes modelos de vírus que não existem realmente. E agora vejo que estão espantados. Como é que vieram a interpretar partículas como vírus e porque é que me chamo ex-virologista, porquê? Existem realmente estruturas, que são o modelo para os vírus dos virologistas, que se podem isolar facilmente, que se podem fotografar, que se podem caracterizar bioquimicamente e que têm sempre nelas um ácido nucleico que tem sempre a mesma vertente estendida de ADN com o mesmo comprimento e a mesma composição a que chamamos uma sequência. Estes modelos são chamados de fago – da Fagocitose (de comer tudo) – porque eles acreditam que estes comem bactérias. Hoje sabemos que se as bactérias não têm tempo para formar os seus próprios esporos dos quais podem emergir rapidamente, então fazem mini-esporos. Eles acreditam que estes mini-esporos estavam mortos porque na altura as pessoas acreditavam que a matéria viva é algo que tem um metabolismo de oxigénio que pode ser medido. Hoje sabemos que estas estruturas se propagam e têm um metabolismo e fui eu o primeiro em biologia marinha, há mais de 30 anos, a descobri-los no mar. Eles realmente existem e ajudam outros organismos que não estão a sair-se tão bem. Quando as condições de vida se deterioraram, fornecem-lhes ácido nucleico e material de construção e este processo é uma bactéria simplesmente a transformar-se em fago e não é destrutivo. Trata-se de uma metamorfose que reproduz todo o ácido nucleico das bactérias, 100% destas estruturas e não são de forma alguma destrutivas. Agora, é claro que sabemos, ahah existem estas estruturas e elas tornaram-se um modelo a seguir. Quando é que elas se tornaram um modelo a seguir? Isso é crucial para compreender a virologia.

0:32:00 – Quando, porquê, por quem? Havia uma velha virologia antes de 1952 e eles pensavam que os vírus vinham de pedaços de proteínas e que as proteínas tinham material genético. Então os virologistas fizeram experiências de controlo e determinaram que 'se permitirmos que órgãos saudáveis se decomponham, se depois fizermos a mesma experiência, as mesmas etapas de filtração, encontramos as mesmas proteínas que interpretámos erroneamente como vírus', pelo que realizaram imediatamente experiências de controlo juntamente com tentativas de infecção e descobriram que nenhuma tentativa de transmissão da infecção alguma vez funcionou. Pelo contrário, descobriram que a própria experiência, nomeadamente extractos de animais doentes injectados ou gotejados para os pulmões através de um tubo, causavam doenças. Isso é que causa as doenças. Até à data nunca foi possível transmitir um extracto de um ser humano que estivesse infectado. Pode ler tudo sobre isso numa revista publicada em 1999 no Instituto Max Planck para a História da Ciência em Berlim sobre a história inicial da virologia por Karl Heinz Ludtke. Nessa altura, a virologia não tinha, naturalmente, um modelo de vírus. [33:32 ..... 33:42] que a proteína não pode vir da proteína. Portanto, a proteína não é material genético. Mas somos forçados a pensar que deve haver uma substância hereditária. Isso é lógico. Se acreditamos que a vida surge através da divisão celular de uma célula e que não há nenhuma consciência, nenhum espírito que actue aqui, então é claro que precisamos de algo que faça as moléculas funcionar para que das sementes de trigo surja sempre o trigo (ou mostarda bíblica? isto poderia ser interpretado erradamente) ou o elefante ou o humano. Então somos obrigados a reconhecer uma substância hereditária que orquestra a instalação e o plano funcional da vida. Antes eram as proteínas, depois foi o ácido nucleico, a partir de 1952. Porque se descobriu com a pesquisa que estas proteínas que aqui são produzidas vêm sempre com um pedaço de ácido nucleico como um catalisador. E, a partir de 1952, surgiu a hipótese de o ácido nucleico ser a substância hereditária e acreditou-se nisso. Depois, estes novos vírus tomaram forma a partir daquilo a que chamámos Fago, que sempre teve uma vertente de material genético no seu interior, porque isso é um facto. Não é de surpreender o que acontece a seguir. Um bacteriologista, John Franklin Enders, de repente resolve seguir biologia. Ele era um pesquisador e estudou

tudo o que era possível e conheceu um bacteriologista que trabalha com Fago. Ele fica fascinado, por isso, dedica-se à biologia para o seu doutoramento. Nunca tendo estudado biologia, ciências naturais, medicina, portanto nunca tendo sido ensinado cientificamente a verificar cada passo da sua pesquisa, usa a ideia de que o bacteriófago emerge dos tecidos de animais e acredita que se estes tecidos também morrem, o fago pode transformar-se nestes vírus. Não sabemos qual é a aparência deles, não vimos nenhum, mas se os tecidos morrerem no tubo de ensaio, isso daria a entender que temos um vírus, temos um agente. E ele descreve o que estão a fazer aqui. Usa este soro fetal, usa antibióticos, mas nunca uma experiência de controlo, caso contrário teria compreendido que os seus tecidos estão a morrer porque de repente os priva de soro fetal. Se ele usasse um soro adulto, eles também morreriam e só os antibióticos são suficientes para matar os tecidos. Se ele tivesse feito as experiências de controlo, teria descoberto que a matéria de laboratório mata os seus tecidos, mas ele traduz esta morte em presença de vírus e isolamento. Então, por fim, traz-se o que estava lá fora para o laboratório e pode-se repetir isso vezes sem conta e a repetibilidade é a prova. Mas eles só estão a repetir uma falsa suposição até hoje e nesta publicação, que ele descreveu explicitamente como especulação, ele escreve 'No entanto, ao fazê-lo, devemos ter em mente que estes efeitos citopáticos que se assemelham a patologia podem resultar de um agente diferente que já estava no tecido ou por factores desconhecidos', porque observamos que o tecido ao qual não fizemos nada também morre de repente. Alô, estão a estudar um processo de algo que está a morrer. De qualquer modo, numa segunda tentativa, foi tentada a aplicação de um segundo agente e as alterações citopáticas não puderam ser distinguidas daquela que supostamente tinha a infecção. Portanto, obviamente, a possibilidade de encontrar o mesmo efeito com outros agentes tem de ser considerada. Resumindo, 'em conformidade, os resultados aqui resumidos devem ser submetidos à mais crítica análise'. Portanto é isso que estamos a fazer aqui, uma análise altamente crítica. Mas isso nunca aconteceu. Explicarei de imediato porquê. Ele escreve 'Não há nenhuma razão, nenhuma suposição, nenhuma justificação para acreditar que estes resultados em humanos, *in vivo* seriam os mesmos que aqui no tubo de ensaio, não há nenhuma razão', escreve ele, 'estamos apenas a lidar com indicações indirectas e duas experiências são essenciais para o estabelecimento de uma ligação entre estes agentes que são produzidos aqui e o vírus do sarampo', nomeadamente a infecção em humanos e animais que a experiência deveria ter encontrado. O que acontece então? John Franklin Enders, 6 meses depois, do nada, em 1 de Junho de 1954, por uma coisa completamente diferente, recebeu um Prémio Nobel da Medicina. E isso saiu desta especulação explícita? Os fundamentos da medicina moderna surgiram como uma fênix das cinzas e a luta contínua dos virologistas contra o velho modelo do vírus perdeu-se, pois fizeram uma nova que está questionavelmente ligada a uma pseudo-técnica que nunca foi controlada. Então eu controlei a sua experiência com o vírus do sarampo, nomeadamente parei a alimentação, os antibióticos venenosos que matam as bactérias que estão em todo o lado e que causam a morte celular como um relógio e depois os biólogos produzem uma suposta infecção e as células morrem e eles dizem 'Ei, isso é o vírus' e com base nesta conclusão, é realizada a produção a partir desta sopa para vacinas 'vivas'. Dizem que o vírus infeccioso está vivo na substância. Para as vacinas 'mortas', apenas uma parte do vírus, portanto uma proteína, e mais recentemente o mRNA, a que chamamos vírus inactivo. A minha experiência de controlo estava a fazer exactamente a mesma coisa, excepto sem infecção e o tecido morre da mesma forma. Então o que faz o virologista? O virologista pega em ácido nucleico, partes, note-se, ele nunca o viu todo, tal como com o fago, cujo ácido nucleico temos isolado e caracterizado ao longo de 70 anos, e mostramos que temos sempre o mesmo. Mas ele constrói algo a que chama o vírus ABC, e isso mostra-nos que esta publicação está claramente a tomar um rumo anti-científico, e agora prova que a virologia se refutou a si própria. Eles

descrevem passo a passo que não isolaram nada, que não encontraram nada e que tiveram de o multiplicar um pouco e depois construir matematicamente algo que nunca se encontra na realidade. E também estas experiências de controlo, tal como foram feitas com o vírus do sarampo e agora com o corona, estão agora disponíveis, e estou curioso em saber quem será o primeiro a publicá-las, porque esses terão a carta trunfo. Então fazemos experiências de controlo, seja qual for o ácido nucleico, de humanos, de animais, fazemos exactamente o mesmo que os geólogos fazem, e eis que podemos construir exactamente o mesmo genoma, se dissermos ao programa o que fazer. Agora o vírus corona, ou a partir dos mesmos dados, agora fazer o vírus HIV ou fazer aqui o Ebola ou o Influenza. Obtém-se aquilo por que se paga.

0:42:57 – E agora vou mostrar a refutação genética. Este conhecimento de 2008, [Genome In Dissolution](#) (descarreguem isto da Internet antes que seja censurado, sim, obtenha-o), esta é a refutação da genética e portanto da virologia, porque os geneticistas não disseram aos virologistas que eles próprios se tinham refutado. Agora dizem 'estamos a fazer epigenética, precisamos de mais dinheiro, de 40 anos, depois já saberemos mais sobre hereditariedade'. Este relatório é sobre uma conferência que teve lugar em 2006. O genoma foi considerado um plano imutável dos seres humanos. É nisso que acreditamos, que é fixo no início das nossas vidas. Tiramos da mamã, do papá e depois a nossa combinação é fixa. A ciência tem de dizer adeus a esta ideia. Na realidade, a nossa composição genética está em constante fluxo, mutação, e dir-se-ia que o nosso legado está em constante mutação. Tal como a moeda Krugerrand se torna papel, com certificado verde impresso, pode tornar-se sem valor de um dia para o outro. Quem assumiria isso? Assim, há 2 anos, 25 geneticistas reuniram-se na Universidade da Califórnia em Berkeley para responder à simples pergunta "O que é um gene?", numa tentativa de definir com precisão a base do seu campo. No entanto, defini-lo revelou-se extremamente difícil. A reunião de peritos quase acabou em desastre, recorda Karen Eilbeck, professora de genética humana em Berkeley e anfitriã do painel (pode procurar o documento original completo pelo nome dela na Internet sobre tudo isto): "Tivemos sessões que duraram horas, todos a gritar uns com os outros". E acontece exactamente a mesma coisa quando os virologistas são confrontados com os seus próprios actos. Mas eles não se limitam a gritar uns com os outros. Tenho a certeza de que se Christian Drosten estivesse lá seria devorado, porque os outros diriam 'Seu idiota, tens de exagerar assim tanto? agora eles vão ficar de olho em nós'. Então porquê? A disputa em Berkeley tem pouco a ver com a vaidade dos pesquisadores, foi um primeiro sintoma de que as ciências da vida estavam a morrer sem que o público se apercebesse. Enfrentando um muro de tijolos sem que o público se apercebesse. Isso foi em 2008, então o que aprendemos? Os cientistas desmentiram-se a si próprios, mas o público continua a acreditar nos testes genéticos, testes de paternidade, blá, blá, blá e assim por diante. Na realidade, estes pesquisadores falam das cadeias cromossómicas de humanos ou animais. Trazer isto à luz abala a ideia anterior sobre a genética. A investigação médica enfrenta novos desafios, cujos primeiros contornos remontam ao corpo e à alma – aha, de repente a alma está de volta, sim – saúde, doença, desenvolvimento e envelhecimento estão sujeitos a uma interacção genética cuja complexidade excede todas as ideias anteriores. E agora vem o ponto crucial: 'Os geneticistas têm de dizer adeus à sua imagem de um genoma estável, no qual as mutações são exceções patológicas'. Assim, pensando mais amplamente, ficamos com a ideia de que deve haver uma substância hereditária que nos força a um pensamento materialista sustentado pela patologia celular e pela teoria celular da vida, deve haver uma substância hereditária para que a mesma coisa saia sempre da mesma coisa e seja, naturalmente, imutável. E é tudo, por agora estamos de novo sentados na caverna com Platão. Vemos sombras, vemo-las descritas e interpretamo-las, não ousamos virar-nos como ele para ver de onde vem a luz e quem no nosso público faz

mais barulho. Esta é a situação para nós. Porquê? 'O genoma de todos nós está constantemente em remodelação. Cada organismo, cada ser humano, cada célula do corpo é um universo genético em si mesmo'. Bum, e é exactamente isso que os virologistas fazem hoje em dia, procuram fragmentos, lêem-nos e depois constroem um filamento de material genético tal como os geneticistas constroem um cromossoma, e nós não os trouxemos à responsabilidade, deixem estar isso, deixem estar isso, mas não, eles continuaram, demasiado grandes para faltarem. Quando nem mesmo os geneticistas disseram a verdade ao público em 2008 (estamos agora em 2022), então está completamente desmentido, também não podemos esperar outra coisa dos virologistas. Não podemos esperar por eles e talvez, não talvez, mas esse é um ponto muito importante aqui, é a nossa cultura. Por isso devemos mesmo abordar estas pessoas com cuidado, porque é quase impossível para eles desistirem dos seus próprios modelos. Porque é a identidade deles, a sua família e tudo o mais, e é suposto tudo isso estar errado e, neste caso, ser até perigoso. Portanto, tudo muda. Cada núcleo da ideia. Refutámos completamente o seu material genético.

0:48:32 – Vejamos agora como o corona começou. Os chineses tentaram acalmar a onda de pânico que eclodiu no final de 2019 e o Professor Christian Drosten não se embebedou na noite de Ano Novo, mas foi à Internet, olhou para as sequências do hospital e pensou 'aha, é uma espécie de SARS'. Pegou nas sequências atribuídas ao vírus corona e preparou três procedimentos de teste muito diferentes. Sintetiza a sequência química – só isso leva 5 dias – e no mesmo dia em que os autores deste estudo publicaram a sua sequência – a citação está aqui ao fundo da revista *Nature* em 10 de Janeiro – e utilizando a sequência que calculou a partir da Internet, Christian Drosten envia as suas substâncias químicas de teste para todo o mundo. O governo chinês disse 'Olhem, aqui temos uma súbita síndrome respiratória emergente, SARS, mas os 49 casos de pneumonia na área da grande Wuhan foram todos isolados. Todos os amigos, todos os vizinhos, todos os colegas de trabalho, todos com quem tinham estado em contacto foram colocados em quarentena e nenhum deles ficou doente, por isso NÃO se tratava da SARS', comunicaram eles aberta e honestamente à OMS, a todos e disseram 'Está tudo bem, estamos a tratar disto. É extremamente difícil de transmitir e fechámos o mercado do peixe e os mercados mundiais e não estamos a ter novas infecções, por isso, será que podemos ter a nossa celebração de Ano Novo a 25 de Janeiro de 2020, o evento planeado pelo Partido Comunista? Sim, metade da China irá para as ruas'. O que acontece? Um amigo de Drosten, um médico, viaja por iniciativa própria do sul da China para Wuhan, realiza uma conferência de imprensa ao meio-dia - todos os meios de comunicação ocidentais estão lá - e diz que o governo chinês está a mentir. Imaginem isto! Normalmente eles seriam transformados em farinha de peixe ou acabariam num asilo de loucos se dissessem que o governo mente sobre vírus ou que Lauterbach está errado. Sim, e isto numa ditadura que não podemos imaginar. Eles têm um milhão de Falun Gong em campos, 100 crianças morrem todos os dias nestas coisas. Não é lá uma feira de diversões. Depois, claro, surge um enorme pânico, porque o médico diz que mentiram e 'Olhem, tenho dois pacientes do sul da China que não estavam em Wuhan que deram positivo com o vírus usando o teste do doutor Drosten.' Por isso, o pânico levantou voo. Eles já não conseguem controlar isto. E lendo o diário de Fang Fang Wuhan, eles controlaram o pânico com militares na rua ordenados a disparar sobre qualquer pessoa que saísse de sua casa. Todos os que nas ruas não conseguiram encontrar a sua família, ou fizeram a escolha errada, ficaram imobilizados, não foram autorizados a sair durante meses. E camiões do lixo tinham de atirar a comida à sua porta, não havia tempo para embalar para uma população de 11 milhões de habitantes. E foi assim que Christian Drosten transformou um pânico local num pânico global e esse é o seu modelo de negócio e foi isso que ele sempre fez com o SARS, o Zika, o que mais tínhamos, no

Congo eles tinham o Ébola. Por isso, aí temos, agora em todo o lado. Ele fê-lo antes com vírus da gripe, e sim, gripe das aves, dos porcos, dos peixes, das rãs, ouvimos sempre a mesma coisa. Christian Drosten oferece ao mundo a sua sequência para PCR gratuitamente por 'razões humanitárias', o que dá resultados positivos e dá a impressão de que há algo a espalhar-se, para aqueles que acreditam.

0:53:09 – E esta é a publicação que estamos a ler a partir de agora, passo a passo. Agora tenho um matemático que conhece realmente a sua área e tem um trabalho muito responsável, mas também é um pai responsável, por isso ainda não se quer mostrar. Ele analisou este trabalho passo a passo para ser publicado em breve, mostrando todas as contradições, a auto-refutação dos virologistas a todos os níveis. Mostrando que só com um programa que os próprios chineses fizeram poderia ser gerado um genoma desta extensão, que poderia corresponder ao corona. Se se tentar outro programa, por vezes não funciona de todo. Assim, por vezes o programa procura pedaços de sobreposições de letras individuais e depois constrói algo inteiro a que se chama 'montagem' e num programa funciona, no outro não funciona. Mais tarde, os bioinformáticos escreveram 'Ei, com todos os outros 49 programas que nós virologistas utilizamos, também não funciona'. Ele mostra passo a passo – estes são os dados em bruto e há estas lacunas que eles preenchem com PCR sujo. Se eu definir o PCR para ser sujo, então acima de 14 ciclos ele dará positivo, 30 ciclos são completamente sujos e 45 ciclos são completamente não-científicos, porque, teoricamente, o PCR deixa de funcionar com todas estas lacunas. Para construir o genoma completo eles têm de encher-lo matematicamente com um segundo PCR muito sujo. E também muitos pormenores relatados refutam tudo isto e nós demonstrámos que existem muitas sequências que são sequências humanas típicas e isso está em consonância com a experiência de controlo que encomendámos a uma universidade de elite. Nesta, eles também não querem que se saiba quem eles são. Os dados estão lá. Estão publicados. Neles mostramos que com 14 ciclos limpos encontramos RNA humano. Já obtemos 98,5% da gama do genoma, enquanto que depois do seu primeiro passo eles só obtiveram 10%.

0:55:56 – Então, como abordamos o tema? Vamos aos nossos direitos básicos, que são garantidos pela declaração dos direitos humanos, que precede qualquer Constituição como um instrumento com o qual controlamos as coisas e como nós, como humanidade colectiva, podemos aprender com isto. E depois, com uma compreensão mais profunda da biologia, da nossa biologia, deixar finalmente para trás o dualismo, este bom/mau pensamento. É por isso que eu faço este trabalho. Porque temos uma grande oportunidade de dar um salto no desenvolvimento humano baseado nos direitos humanos. A dignidade humana é inviolável. O povo alemão – todos os povos – deve comprometer-se com os direitos humanos invioláveis e inalienáveis como base de toda a comunidade humana de paz e justiça. E aqui é importante apresentar outro livro de Tom Holland, *Dominion*. Ele mostra que o princípio dos direitos humanos, a liberdade individual, a responsabilidade individual, a liberdade de consciência, a igualdade, são todos valores cristãos que remontam a Jesus Cristo, apenas não chamados assim desde a revolução francesa. Mas isso também é muito importante, porque vejo aqui um impulso, um impulso absolutamente construtivo. É nossa tarefa assumi-lo e implementá-lo. Os seguintes direitos básicos vinculam a legislação como lei directamente aplicável. E todos aqui sabem que há uma interferência maciça na liberdade de desenvolvimento pessoal. Não podemos fazer certos trabalhos, não me é permitido ir a lado nenhum e assim por diante. Há, evidentemente, também este direito à vida e à integridade física que está a ser atacado pela lei de protecção contra infecções, temos de ser vacinados ou arriscamo-nos ao isolamento. Vacinação, alguns morrerão, sim, mas esse é o nosso serviço à comunidade para que todos

possamos viver. Tem simplesmente de ser assim, danos da vacinas e tudo. É esse o seu serviço à comunidade utilizando a Lei de Protecção contra Infecções para a sua aplicação. Mas não interfere com o nosso direito à liberdade de consciência, de opinião política ou de crença religiosa. Isto não está na lei de protecção contra infecções. Portanto, se eu alegar que acredito num deus que me fez sem uma injecção no rabo e acredito num deus que não atira vírus a bebés insuspeitos, então estou fora. FORA. É a minha crença. Quando os minaretes estão aqui para impor a sua crença, então também posso dizer que acredito num Deus que me fez perfeito, pelo menos na medida em que o meu chamado sistema imunitário não precisa de uma inoculação de reforço. Nos E.U.A. as pessoas estão agora a ser absolvidas e aquelas que as despediram têm agora de pagar multas. Porque elas exerceram a sua fé, portanto isto também é uma ferramenta. Mas vai ficando melhor, vai ficando mais fácil. Artigo 5, liberdade de expressão, censura não deve ter lugar, mas certamente que tem. Os políticos encomendaram isto após as lições aprendidas do Federal Health Journal 12/2010 'Pandemic Lessons Learned' (Lições pandémicas aprendidas). Lições como, por que razão 93% da população rejeitou subitamente a vacinação contra a gripe suína na altura? Porque descobriram que existem ali nano-partículas. Hoje em dia os críticos apregoam proteínas RNA, etc., certificando-se de que ninguém sabe que as nano-partículas perigosas estão lá desta vez. Estas é que causam os danos da vacinação. Porque eles aprenderam com a gripe suína. Disseram 'OK, OK, a gripe suína desapareceu dos meios de comunicação da noite para o dia e viu-se que havia demasiados especialistas em conflito, por isso no futuro apenas uma opinião pode ser apresentada e não podemos deixar que a desinformação se revolte na Internet, porque isso levou a que 93% da população acreditasse nela e recusasse a vacinação e isso é um pormenor importante.' Então começaram a censurar, mas esqueceram-se da cláusula de censura da lei de protecção contra a infecção. Portanto, todos eles são anti-constitucionais. Um e todos, anti-constitucionais. Por esta razão, violaram a fé e a liberdade de consciência. Na minha opinião política, sim, 'a censura não deve ter lugar' e a liberdade de imprensa fica em segundo plano porque assim foram ordenados e porque são anti-científicos. Todos os que alinhavam com o Corona provaram que são anti-científicos, porque a lei afirma que a arte, a ciência, a pesquisa e o ensino são independentes, mas que a independência não nos absolve da lealdade à Constituição. Isso significa que estou novamente vinculado à verdade por direitos inalienáveis e que, por conseguinte, isso exige o maior cuidado na ciência, coisa que não se verifica. Aqui temos agora a lei de protecção contra infecções e o parágrafo 1 parte 2, aqui é que está o busílis, pois diz que se tem de ser científico. Na lei temos 'pode', se lhe apetecer faça-o, ou 'deve', deve fazê-lo. 'Pode' ou 'deve'. 'Deve ser apoiado de acordo com o estado actual dos trabalhos da ciência e tecnologia epidemiológica médica', ou seja, a lei de protecção contra infecções prescreve ciência que é falsa. O que significa que a lei de protecção contra infecções perde a sua validade a partir do momento em que se conhecem os verdadeiros factos (e, claro, também para o público, estamos a trabalhar nisso aqui hoje, pelo que estou muito grato). Perderam a sua validade e todas as medidas corona que se baseiam na lei de protecção contra infecções são ilegais desde o início. O parágrafo 2 regula aqui o agente patogénico, sim, que é o vírus definido, sim, um agente, sim, sabe como o agente 007, só as mulheres loiras o podem isolar, um agente está claramente lá por ordem da rainha, mas ali não se fala de uma ideia ou equação. Também menciona os danos causados por vacinas como um facto. Então é assim que cada vez mais pessoas têm vindo a demonstrar que a virologia é anti-científica, porque este memorando que saiu em 1997 expõe uma enorme fraude de pesquisa internacional que se tornou pública na Alemanha em primeiro lugar. Todas as pessoas da genética, da biologia, da vacinação, da SIDA, do cancro, todos os que se possam imaginar, todos foram co-autores de uma publicação de Friedhelm Herrman – pode ler na Wikipedia, maravilhoso que ainda lá esteja. Ele inventou quase todos os seus dados e um

denunciante trouxe isso a público. E foi assim que surgiu este escândalo e muitos políticos, procuradores públicos e outros disseram 'Já chega, agora precisamos de um parágrafo de fraude científica, esta proeza custou-nos 300 milhões em fundos de pesquisa.' A ciência da qual eles suprimiram era sobre quimioterapia de alta dose em mulheres, mas a quimioterapia permaneceu e eles disseram 'E acabou-se, agora vamos construir um parágrafo de fraude científica'. E depois veio a DFG, a Associação de Pesquisa Alemã, que distribui milhares de milhões em fundos de pesquisa. Lembre-se do que Rosenstock disse em 1929, 'O povo agradecido financia amplamente a ciência' e isto já se passa há muito tempo. E depois fico zangado quando chamam a este corona uma 'plandemia'. Não, não é. É um resultado inevitável desde Illich até agora, culminando numa quase terceira guerra mundial, mas uma guerra suave, uma guerra que tem causado tão pouco dano humano, pelo menos directamente. Por isso tem sido uma espécie de 'alô', um chamado a despertar com um bom espírito. Agora, para ir directo ao assunto, nomeadamente a virologia. Vírus, sim ou não? Ciência, sim ou não? Eles disseram oh não, não, não, só os cientistas podem avaliar quem é científico. Nenhum político pode, mais ninguém, só nós cientistas podemos, e o que é que se querem, porque há tão poucas maçãs más entre as boas, vamos lá escrever as regras que sempre observámos como parte do contrato de trabalho, para que os políticos possam voltar a ser reconduzidos. O conjunto de regras concorda que o trabalho científico se baseia em princípios fundamentais que são os mesmos em todos os países e disciplinas científicas. As boas práticas científicas blá blá blá importantes para nós neste momento... É tarefa do cientista verificar e duvidar consistentemente dos resultados. Porquê? Porque na História da Humanidade não existe até agora nenhuma teoria comprovada, nem uma única. Tudo teve de ser revisto e se ainda existem uma ou duas teorias que persistem, foram alteradas de tal forma que aquilo em que antes eles acreditavam desapareceu, e essa é a questão. Errar é humano, mas não admitir o erro é fatal e para isso temos regras. Para isso, encarregamos cada cientista de duvidar constantemente de tudo, outras descobertas também devem ser apresentadas. Os resultados e as hipóteses devem ser questionados. Por conseguinte eles são obrigados a pôr-se no meu lugar, como descobridor de vírus, virologista, posso dizer isso, descobridor de vírus, tenho tal estrutura, sim, doutoramento em biologia, que é aquilo em que me licenciei, biólogo, sim. Eles têm de o publicar! Mas não o publicam. Claramente porque, desde Eugen Rosenstock, 'os estudiosos são competentes e não gostam de inverter o que fizeram'. Por isso temos de fazer este trabalho. Eis a frase 'As experiências de controlo com a divulgação igualmente completa da configuração experimental são uma componente central da metodologia científica para verificar os métodos aplicados e excluir factores disruptivos'. E eles nunca o fizeram. Em toda a história da virologia não havia documentação das experiências de controlo a qualquer nível do seu trabalho e é por isso que eles são anti-científicos. É por isso que a lei de protecção contra infecções viola direitos e todas as medidas são ilegais. Levem isso adiante. Usem isto em queixas futuras em processos judiciais e certifiquem-se de que só apresentam este ponto, não um segundo ou terceiro. Eu fazia muito isso. Ajuda muito, sim? Não. O juiz em Los Angeles disse-me que eu salto 'demasiado' de um ponto para o outro. Somos científicos ou não? E não pode haver virologista que venha dizer que somos não-científicos, porque não há publicação com controlos documentados. Nenhuma. Terminamos aqui. Ao mesmo tempo, temos o início de um salto no desenvolvimento humano em que podemos aprender com todos e já não somos obrigados a repetir todos esses disparates, SIDA, cancro e assim por diante, e é disso que trata a próxima palestra – O que é a verdadeira biologia? Gostaria de agradecer a todos os que tornaram isto possível. Vemo-nos da próxima vez.